

Melhor longa-metragem de ficção foi para filme de realizador grego

Film Art entregou prémios aos filmes vencedores

O filme da Grécia "Invisible" venceu o Grande Prémio de longa-metragem de ficção do Festival Internacional de Cinema Figueira Film Art, que decorreu entre 29 de agosto e 4 de setembro, na Figueira da Foz, proporcionando 62 horas de programação.

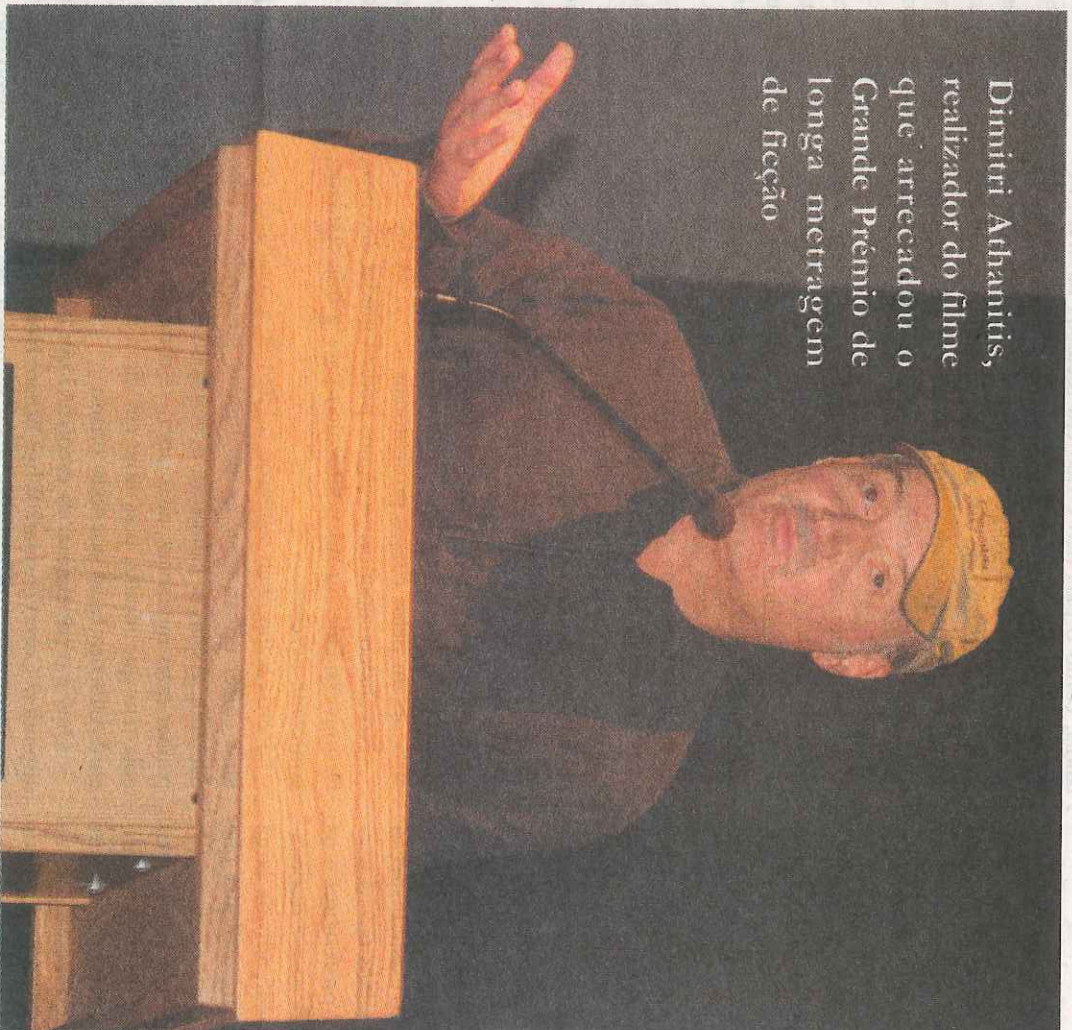
O realizador grego, Dimitri Athanitis, esteve presente na cerimónia da entrega dos prémios, que decorreu no passado sábado, no CAE, e considerou este prémio «special», desejando que o festival «continue a crescer e a ser feito por quem gosta de cinema».

Mas, a maioria dos premiados esteve ausente, dado que os trabalhos vencedores foram de países estrangeiros.

Na Categoria de Melhor Longa-Metragem Documental o prémio foi para "Trees", do russo Anaroly Malukhin; "Flunthus", do moldavo Igor Sadovkis, venceu na categoria de Curtas Ficcionalis; e "The Curious Case of Mr. Bhim Thapa", do nepalês Bhakta Chand arrecadou o prémio de Melhor Curta Documental.

Na Categoria de Videoclip, o prémio foi para "27", de Leila Jaman e Mike Leisz, dos Estados Unidos da América; e o prémio para o trabalho da melhor escola participante foi para "Voice Mail", de Eric Brehmer, da Alemanha.

Restantes prémios: Melhor ator: Alex Karamazov da Rússia, no filme "Trough the Mist"; Melhor atriz: ex-aequo Ivana Baquero, no filme português "Gelo" e Abril Ciria, no filme oriundo do México "Day Six"; Melhor argumento: Maksim Schnastev e Philipp Konyashov, pelo filme russo "Trough the Mist"; Melhor fotografia: para João Ribeiro, pelo filme português "Gelo"; Melhor montagem/edição: para Luís Fernandes, pelo filme português "In the Moment"; e Melhor realizador: Juan Pablo Arroyo Abraham, pelo filme, "Day Six", do México.



Dimitri Athanitis, realizador do filme que arrecadou o Grande Prémio de longa metragem de ficção

De referir que o Figueira Film Art vai na sua 3.ª edição e tem grande maior prestígio a cada ano, sendo que foram mesmo 4804 os filmes submetidos, oriundos de 124 países, tendo o júri selecionado 171, de 42 países, para exibição ao longo da última semana.

O presidente do júri, o realizador polaco Andrzej Kowalski, salientou que não foi tarefa fácil porque «o festival cresceu não só em número, mas também em qualidade». Realçou que os prémios «muitas vezes são injustos, porque houve trabalhos bastante ignais». A maior dificuldade foi mesmo na categoria de Curtas, onde optaram por criar os "finalistas", que «é quase igual ao 1.º Prémio», explicou.

Andrzej Kowalski destacou também a qualidade dos trabalhos das escolas, em que alguns «parecem profissionais».

O presidente do júri concluiu a sua intervenção formulando votos de que o Festival «continue a crescer».

Pela organização, Miguel Babo realçou que o certame proporciona também a «troca de ideias e de opções estéticas» e agradeceu aos patrocinadores que permitiram mais esta realização. Por seu turno, o

diretor, Luís Albuquerque, considerou que «temos pernas para ser muito mais e, assim, evoluirmos, embora admita que «faltam muitas coisas».

De referir que a animação esteve por conta da Orquestra de Jazz do CAE e da fadista Miti Mourão, acompanhada pelo seu grupo de guitarras.

A apresentação esteve a cargo de Andreia Gouveia.

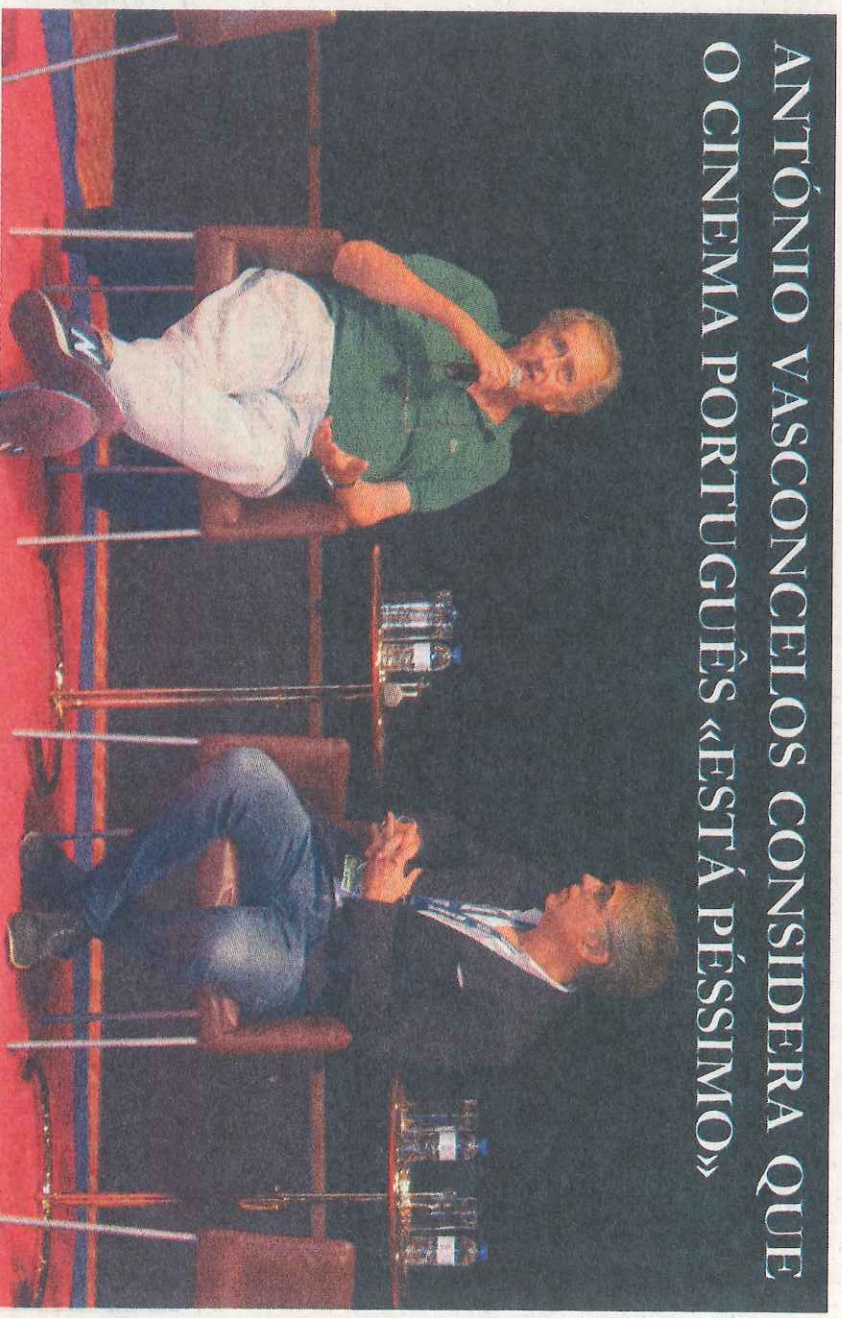
António Pedro Vasconcelos foi o padrinho desta edição do Film Art, tendo o conhecido realizador português protagonizado uma tertúlia no Casino Figueira, na noite de quinta-feira. Mas, antes partilhou com os jornalistas como se sentia lisonjeado pelo convite, enaltecendo a Figueira da Foz ter retomado a realização de um Festival de Cinema.

Numa análise ao estado do cinema português, foi perentório na resposta: «está péssimo».

Para António Pedro Vasconcelos, o «pecado mortal» no cinema português é que «nunca se libertou do paradigma Marcelista de ser o Estado a decidir quem filma. Enquanto isso se mantiver os resultados são desastrosos». Salienta que «cada vez há menos público português para filmes nacionais, há menos filmes por ano e não têm projeção internacional». Ora, o problema «já não está nos profissionais», antes «no sistema», reitera.

O realizador encontra-se a preparar a filmagem de um filme para o ano e não descarta a possibilidade de gravar na Figueira: «se houver apoios locais tenho gosto nisso até pela ligação forte que tenho com a cidade, pois era aqui que eu passava sempre as férias», contou. António Pedro Vasconcelos partilhou mesmo recordações do Pátio das Galinhas, a esplanada do Casino, e do Parque Cine-

A. S.



ANTÓNIO VASCONCELOS CONSIDERA QUE O CINEMA PORTUGUÊS «ESTÁ PÉSSIMO»